

O filme Amrum nos conta a história de uma infância alemã, a de Nanning / Hark Bohm, marcada por um dilema entre sua consciência, empatia e seu senso de justiça, e o amor, a idealização e a fidelidade à sua mãe. A trama, as características dos personagens, e a bela fotografia da natureza, me suscitaram associações e construções de sentidos que no meu modo de perceber, não se esgotaram na comovente história do menino, em sua saga e determinação, de a todo custo, realizar o desejo de sua mãe, - única maneira de salvá-la.

O desejo da mãe, também me pareceu ter um significado para além de uma preferência alimentar. Era pão branco, manteiga e mel. Os outros alimentos eram sujos e repulsivos; não serviam. Ela preferia morrer a aceitá-los.

E sua dureza consigo, também alcançava os filhos, chorar era uma fraqueza imperdoável. Não dizia de uma tristeza, uma dor, uma angústia - era a expressão do fracasso. O choro da bebê não lhe mobilizava acolhimento, pois o considerava um treinamento para a vida.

Entretanto, essa mãe aparentemente desamorosa, foi a mesma que se manteve viva, apesar da desolação com a derrota da Alemanha na guerra, e, tentou conseguir comida para os filhos, também a todo o

custo – da sedução ao roubo, suportando todo o asco e humilhação que certamente sentiu.

O fato de esta trama ter sido escrita por Bohm, alguém que viveu uma história semelhante, me fez considerar o filme como uma tentativa dele de elaborar a sua experiência, de conversar com os pais internalizados, de dar voz e existência a seus próprios conflitos. Os filmes são como sonhos, um pensar com imagens.

Para quem os produz, e para os que os assistem.

Mobiliza sentimentos, ideias, conceitos, reaviva lembranças, e ressignifica experiências emocionais.

E tem coisas que só depois adquirem sentido; imaginei o autor na infância, vivendo e sofrendo com tudo o que passou e só depois podendo compreender a força e as origens do nazismo na Alemanha entre guerras, a humilhação vivida pelo povo alemão, a penúria e a potente promessa de Hitler de devolver a condição de pureza e supremacia, com a eliminação de tudo o que pudesse diminuir a grandeza perdida. Era algo a ser conquistado a todo custo! E toda e qualquer atrocidade era justificada em nome da redenção, da salvação da pátria. O que talvez ele tenha colocado no menino em sua desesperada, extenuante, e completamente obcecada busca do pão, da manteiga e do mel, para salvar a mãe. E, também na forte cena da violência, que o assaltou, quando foi frustrado em sua missão.

O filme não nos poupa de passar pela dor, pelo horror da matança dos inocentes, mas traz também a esperança da solidariedade e da gratidão.

Assim, em minha visão, esse filme foi uma construção do homem/ menino para acomodar suas vivências, sua história, o amor e a indignação com a atitude dos pais.

Imaginei a presença e o olhar de Bohm no final do filme como se dissesse, sem tormento e sem julgamento: - “Foi assim”.

Mas e nós, que assistimos? Podemos até compreender os meandros da história. Mas não existe justificativa para o nazismo, para o holocausto, e para nenhum outro genocídio.

Acho que esse filme traz um questionamento potente, que não tem um final feliz. O quanto de violência é cometida em nome de ideais políticos e religiosos. Também no cotidiano, sob a idealização do amor incondicional, o “tudo por amor” é invocado como justificativa para matar, e para se viver uma vida sem existência própria.

Agradeço ao grupo a indicação deste filme e aos colegas que, com seus comentários me estimularam a escrever os meus.

